

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayne Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes.  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas.  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE NOVEMBRO DE 1912

N.º 331

## CELEBRIDADES ARTISTICAS



Mimi Aguglia

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de novembro de 1912

### CARTAS DO RIO DE JANEIRO

#### A Constituição de Cadiz e a America do Sul

**T**odos os povos latinos da America celebraram por fórmulas diversas as famosas córtes de Cadiz de 1812 e a sua liberalissima Constituição. Todos enviaram á Hespanha os seus delegados e, nos dias destinados á solemne consagração, a imprensa de todas as cidades dedicou ao magno assumpto largas columnas cheias de gravuras e artigos allusivos a esse acontecimento historico, do qual me coube tratar n'um dos grandes quotidianos da capital fluminense.

A constituição de 1812 e a independencia da America Hespanhola, devida á primeira restauração dos Bourbons em Hespanha e ao esphacelamento d'essa Constituição politica por Fernando VII, a influencia que ella teve nas de outros paizes e principalmente nas de Portugal e do Brasil, o historico das Córtes Hespanholas, a organização das Córtes de Cadiz, e os principios liberaes consignados na sua Constituição, taes foram os aspectos porque considere o extraordinario facto que de 3 a 6 d'outubro delegados de todo o mundo estiveram commemorando na cidade hespanhola.

Do que escrevi, tenho presente a ultima parte, de cuja publicação peço venia aos leitores do *Brasil-Portugal*.

Ei-la:

#### Cadiz, a heroica

A *Gadir* dos Phenicios, a *Julia Gaditana*, dos Romanos, a formosissima Cadiz, é a cidade hespanhola que a esta hora abriga nos seus muros os delegados das nações. Banha-a o Atlantico, mira-se envaidecida no magestoso porto de S. Fernando, defendem-n'a solidamente os fortes de Guntalez, do Trocadero e de Santa Catalina, a sua cathedral do seculo XVIII attesta a sua antiga crença religiosa, e as suas ruas longas e symetricas por onde transitam os seus 80:000 habitantes, as suas casas brancas, os seus *miradores*, os seus belvedéres, dão-lhe um *cachet* especial, um imprevisito encanto, dão-lhe character entre as outras cidades da Hespanha.

Foram justos os que lhe deram o cognome de «heroica». Bastas vezes o tem sido, mas as provas supremas d'esse heroismo deu-as ella em dois cercos notaveis: o primeiro em 1808, quando sendo a séde da junta suprema da insurreição esteve bloqueada pelos francezes; o segundo, em 1823, por occasião da funesta intervenção do Duque de Angoulême nas questões da Hespanha. Da primeira vez foi coroada de exito a sua assombrosa resistencia; no segundo cerco, viu-se obrigada a capitular ao fim de alguns mezes.

Nos ultimos tempos representou um papel importantissimo para a historia da Hespanha. Foi a bordo da esquadra fundeada na bahia de Cadiz que Topete, em 18 de setembro de 1868, levantou o grito de revolta contra Isabel II, grito que repercutiu em todo o reino e de que resultava dez dias depois o triumpho completo das idéas liberaes na batalha d'Alcoléa.

Tal é Cadiz, baluarte da natureza, lingua de terra hespanhola que se desprende da Peninsula, e que, debruçada sobre o mar, parece estar ali expressamente para receber os viajantes e encaminhal-os na rota da America. Tal é a encantadora e heroica cidade andaluza, illuminada, mais ainda do que pelos raios do sol meridional, por estes brilhantes negros: os olhos das *Gaditanas*, que, sendo as mais lindas entre as andaluzas são, por conseguinte, as mais bellas mulheres de toda a Hespanha. Nem será para estranhar que com o seu *salero*, com as notas dolentes das *habaneras* e das *peteneras*, a que ellas imprimem um cunho seu, menos berrante, menos vivo, mas mais suggestivo e perturbante que o das sevilhanas, com os seus requebros, os seus donaires, a languida ternura dos seus olhares, os seus sorrisos francos, com todo esse conjunto das graças femininas, não será para estranhar que qualquer dos mais graves e conspicuos delegados estrangeiros, ao celebrar em Cadiz as córtes de 1812, se embriague excessivamente em 1912 com o vinho capitoso distilado pela formosura das *gaditanas*.

## Salve, Hespanha!

Saudemos a Hespanha, n'este dia para ella glorioso, porque a Europa liberal, porque as Republicas americanas que estiveram longos annos sob o seu dominio, porque o Brasil que tem com ella tantas afinidades de raça e tão vasta reciprocidade de interesses, o Brasil, onde vivem e labutam tantos dos seus filhos, estão a recordar-lhe n'este momento historico, dentro dos muros da heroica cidade andaluza, todas as victorias do seu passado e a fazer votos pelas suas prosperidades no futuro. Saudemol-a n'este dia, que recorda aquella que ha cem annos illuminou o mundo com um clarão de liberdade. Saudemos a Hespanha cavalheirosa, a Hespanha dos guerreiros e dos navegadores, a Hespanha da conquista e da epopéa, a Hespanha artistica, que teve pintores como Velasquez, Goya e Murillo; poetas antigos como Calderon e Lope de Vega, onde o maior do seculo XIX, Hugo, que nasceu em terra hespanhola, foi buscar as antitheses e as hyperboles que caracterizam o seu genio litterario; poetas modernos, como Campoamor e Nunez d'Arce; dramaturgos como Echegaray, Guimera e Dicenta; prosadores como Cervantes, a maior gloria do seu passado intellectual, Galdós, Blasco Ibanez e Rueda, vivas glorias da sua intellectualidade de hoje; a Hespanha que tem artistas dramaticos como Vico, Mario, Mendoza e a Guerrero. Saudemos a Hespanha christianissima, que nos extases de Santa Thereza de Jesus, no sensualismo divino de que ella repassou os seus Sonetos impeccaveis, attingiu a mais alta expressão da poesia mystica; a Hespanha da Renascença, a Hespanha das mesquitas arabes e das cathedraes gothiccas, a Hespanha dos maestros, dos grandes compositores de opera, como Pedrell e Breton e desses fecundos e inspirados compositores da zarzuela que se chamam Barbieri, Arrieta, Valverde, Reparaz e tantos outros. Saudemos a Hespanha dos grandes *virtuosi* da musica, Sarrasate e Monasterio; saudemos a Hespanha dos estadistas como Salmeron, Canovas, Maura, Sagasta, Moret, Pi y Margal e Robledo; saudemos a Hespanha dos oradores, a Hespanha de Castellar, cuja palavra prestigiou um paiz e honrou uma civilisação.

Guerra Junqueiro escreveu algures que a Hespanha em guerra com os Estados Unidos devia forçosamente ser vencida, porque os Estados Unidos eram Edison e a Hespanha era Guerrita. Se o grande poeta queria significar que pela coragem e bravura, o famoso *toreador* era o symbolo da Hespanha, disse bem. Saudemos, pois, a Hespanha corajosa, a Hespanha valente, ousada e destemida, e, primeiro do que todos, envolvamos n'essa saudação calorosa o Rei, o mais bravo, o mais destemido, e por isso mesmo o mais querido dos hespanhoes, o Rei Affonso XIII, que, ao ser alvejado no seu cortejo nupcial atravez das ruas de Madrid, por uma bomba anarchista, desce do coche, offerece gentilmente a mão á Rainha aterrada, dá-lhe o braço com o mais franco e despreocupado sorriso, e por entre bravos e aclamações populares a conduz graciosamente em direcção ao Paço, como se a conduzisse para um baile da Côte! Sim. Envolvamos n'essa saudação á bravura da Hespanha, o seu joven soberano que, por entre ameaças e perigos, insiste em visitar Barcelona e passeia a pé, sorrindo e comprimantando, pelas ruas movimentadas da cidade, affrontando o perigo imminente com impavida serenidade e nobre galhardia.

Estão de luto n'este momento o Rei e a Côte pela morte de uma Princeza, que elle adorava, sua irmã extremecida. Têm esta nuvem as festas internacionaes, celebradas em Cadiz. E não podem deixar de tocar esta nota dolorosa as saudações dirigidas ao Rei e á Nação, mas por isso mesmo é mais viva ainda a expressão da sympathia e do affecto que ligam á Hespanha as nações representadas em Cadiz n'este dia commemorativo de outro tão glorioso para a historia da sua nacionalidade como para a liberdade dos povos.

Rio de Janeiro, 10 de outubro.

JAYME VICTOR.

#### Proverbios hollandezes

Antes na estrada n'um carro velho, do que no mar n'um navio novo.

- As rosas passam, os espinhos ficam.
- Por mais que o passaro vóe alto, tem de descer para comer.
- Ainda que o gallo não cante, a manhã rompe sempre.
- Um casaco bem feito é já uma boa carta de apresentação.
- O burro e o burriqueiro nunca pensam do mesmo modo.

## Dr. Almachio Diniz

Foi ha dois annos, seguramente, que eu encontrei pela primeira vez o dr. Almachio Diniz, o illustre caricaturado que ora se nos apresenta munido de uma pena de pato, fornecido de 50 litros de tinta e que é o auctor glorioso do *Pavões* e de mais uma infinidade de obras admiraveis de critica, romance e theatro, onde em cada pagina fulgura o seu ta-



Dr. Almachio Diniz

lento vigoroso e original, sempre grande na sua espantosa diversidade de estudos, sempre novo na sua productividade que assombra.

E é bem singular a maneira porque travámos relações — elle, uma das primeiras intellectualidades do Brasil contemporaneo, — eu, um pobre rapaz portuguez e caixeiro que nem sequer o vigesimo logar occupo na escala dos bons caixeiros. Podéra! Se o destino e o diabo são irmãos gêmeos e se *divertem immenso*, a fazer piruetas desagradaveis á humanidade... Mas, vamos nós ao que importa.

De ha muito já que eu ouvia citar, com admiração e respeito, a bella obra literaria do dr. Almachio Diniz.

Procurei conhecel-a tambem. E, com effeito, extraordinaria! Leiam, por exemplo, os contos magistraes do livro — *Mundanismos* — de cuja collecção faz parte *A morte do Avarento*, esse estudo intenso e real, tão finamente observado, tão admiravelmente descrito. Vejam o terrivel pamphletto — *Pavões* — em que são amarrados ao pelourinho do ridiculo os mais altos personagens politicos de uma quadra governamental, bem recente ainda!

Folheiem a *A Carne de Jesus*, essa maravilhosa novella que julgaram tão funesta á religião christan, e que por isso mereceu a pavorosa honra de uma fulminante excomunhão.

E tambem essa tragedia sublime — *A Escarpa* — em que o infeliz Aluimio, avassalado ao mesmo tempo por um amor profundo, por uma superstição immensa e por negros presagios de desgraças futuras, resolve pôr termo a essa martyrisante ideia, á tirannia intima que o revolve, lhe segreda fatalidades inexoraveis, e lhe rouba a paz de que tanto carece o espirito. Só a morte o libertará!

E elle resolve-se heroicamente pela morte, no que é seguido pela desventurada amante, precipitando-se os dois do alto dum sêrro, pelo enorme despenhadeiro escarpado. E mais outras obras ainda, como *O Diamante Verde*, *Crises*, etc., não contando as de critica, philosophia e direito, que são em grande numero.

Depois, o seu estylo forte e insinuante, como que sobresaie em relêvo, com a graça airosa e viva dos seus rendilhados e dos seus floreios, com as suas imagens nitidamente cinzeladas e as suas descrições magnificas, e a subtilidade dos seus dialogos, que é onde mais se apraz e se dilata a imaginação, e mais forte vibra a nossa emotividade.

Em todos os seus trabalhos ha um systema especial de factura,

um cunho original em cada um. E' que, não imitando a ninguem, não se quer imitar a si proprio e é por isso que sempre se renova.

Ora, pela vastidão das suas obras, pela severidade dos seus conceitos e pela auctoridade real das suas criticas, eu julgava o dr. Almachio um velho já, de longa barba branca, de fronte espaçosa e enrugada, com todo o aspecto veneravel de um patriarcha, mettido num eterno croisé e usando o classico chapéu alto, enorme e luzidio. Francamente, era assim que eu idealisava o fecundo escriptor. Um dia, porém, entrando por acaso na «Livraria Academica», surpreendi o proprietario da dita, numa profusa palestra com um *senhor* ainda novo, festivamente abotoado num frak preto, um côco singular levemente atirado para a nuca, e de pé, inclinado sobre a bengala de castão de prata que lhe servia de apoio. Na livraria do Valle (Manoel Antunes do Valle) existem, creio que por amostra, duas cadeiras apenas, e tão pequeninas, tão miudinhas, que só se acomodaria bem nellas uma creança de três annos. Em todo o caso, escolhi a que se me afigurou maior, sentei-me da melhor forma que pude e ali fiquei encolhido, a *saborear* um horrivel charuto, como convinha, (ai de mim) á minha subalternissima posição de vigesimo segundo caixeiro. Elles, no entanto, falavam de livros. Depois, o *senhor* novo mudara de posição e de assumpt, contara os horrores de trabalho e de contrariedades que lhe proporcionara a construcção de uma vivenda nova, para si e para os seus.

Descreveu os cuidados que tivera com a mudança da sua vasta bibliotheca, e que, se não fóra toda essa trapalhada, já o seu novo livro estaria concluido, talvez mesmo no editor, em vespéras de «girar»! Neste ponto, levantei-me arrebatadamente da pequenina cadeira e fui encostar-me ao balcão. Aquelle *senhor*, tão novo ainda, *escrevia livros!* E numa violenta rajada de curiosidade, fui desta abominavel e sécca descortezia:

— «Já escreveu algum livro, o senhór?» —

Primeiro elle olhou para mim, muito espantado. Sorriu muito simplesmente depois e replicou com bonhomia e complacencia: — «Já! Já escrevi alguns, para me distrahir» — E eu: — Mas... foram publicados? — Aqui, pareceu-me que elle teve o louvavel impeto de me mandar á fava.



Caricatura do dr. Almachio Diniz

Não o fez, porém, e respondeu ainda: — «Foram publicados, foram!» —

Não era tudo o que eu desejava saber. E mergulhando cada vez mais fundo na tolice, insisti: — «Não conheço... Nunca li nenhum dos seus livros» — Depois, e para sahir da posição subal-

terna de conhecimentos literarios (já bastava a de caixaieiro) a que aquelles dois senhores me constringiam, acrescentei:

— «Eu tambem escrevo! Já uma vez escrevi um conto... sahio no *Diario de Noticias*. E tenho lido muito; mas os livros do senhor não conheço, nunca li nenhum» — Foi então que o bom do livreiro veio em meu auxilio, afirmando que eu já lera algumas obras do dr. Almachio Diniz, e a prova é que fóra elle mesmo que m'as vendera!

Realmente o livreiro tinha razão!

Eu havia lido o *Diamante Verde* e outros romances. Por isso retorqui: — «Sim! Do dr. Almachio, sim, mas... — «Pois o dr. Almachio Diniz é este senhor aqui, que diabo. Ora ahi tem você!» — Fiquei perplexo.

E eis ahi o monumental prologo do meu conhecimento com o admiravel artista brasileiro. Desde então tenho acompanhado todas as suas produções que é como quem diz — todos os seus triumphos. E em dez annos de vida literaria, em que publicou 38 volumes, ninguem como elle tem atravessado tão serenamente e com tamanha superioridade, o agudo tojal da inveja e da malquerença dos mediocres. E assim vae seguindo, entre lanças em riste (que elle despreza) e punhados de flores que lhe suavizam a dura estrada, para o cimo da gloria e da immortalidade. Da immortalidade, sim! Porque, para se immortalisar, elle não necessita de fazer parte da «Academia Brasileira de Lêtras», nem para isso carece da sua protecção maternal! Impóz-se por si mesmo, pelo seu saber, pela sua vasta intelligencia, pelos seus numerosos trabalhos, pela sua irrefutavel auctoridade na critica e no romance, tornando-se conhecido e admirado por todos aquelles que põem acima das paixões mesquinamente pessoaes, o culto sublime da arte.

Demais, com o tal vice-presidente em exercicio agora na Academia, um tal sr. Verissimo que brotou não sei d'onde e que abusa de *falcatruas* para proteger meninos bonitos, o fazer-se parte de tal Academia não dá lá muita honra.

E' o caso do dr. Almachio Diniz!

Candidatou-se, tendo a maioria de votos, que alem de tudo eram dos homens mais evidentes do seu paiz; enviou a carta de apresentação ao Verissimo, como era de praxe, e esperou confiadamente a victoria certa. Academicos que nunca votaram, iam fazel-o desta vez.

Ruy Barbosa, por exemplo. E entre outras mentalidades grandiosas lá iam — Coelho Netto, Sylvio Romero, Garcia Redondo, etc., etc.! Pois senhores! Nas vespervas da eleição, o patife do Verissimo declara terminantemente não haver recebido carta alguma do candidato, pelo que, mesmo que este fosse eleito, como era, seria annullada a sua votação.

O estratagemia surtiu-lhe o effeito desejado, e o grande critico não teve a sua cadeira naquelle salão de doutos. Entretanto, foi ao correio exigir a volta do recibo da carta que registrara di-

rigida «a José Verissimo Rio». O recibo volta, effectivamente. E que haviamos nós de vêr, Santo Nome de Deus? — A assignatura do homem, ineludivel, perfeita, nitida, insophismavel.

O bandido recebera a carta e negara-o a «pé junto». Que sucio! Tal procedimento valeu-lhe quatro artigos consecutivos do dr. Almachio, dissecando-o até o mais intimo do seu espirito maligno, onde a mentira e a torpeza fermentam juntas, diabolicamente.

Não faz parte ainda da Academia, o nosso caricaturado. Mas se *aquillo*, na realidade é só para aquelles que hajam provado largamente o seu merito, se de uma Academia só devem fazer parte os intellectuaes mais evidentes e que mais direito hajam a essa consagração honrosa (?) e grata (?), conforme então só um havia que neste pleito podesse competir e concorrer á mesma cadeira, com o dr. Almachio Diniz: Elle mesmo!

Tal é o vulto de quem tão ligeiramente me occupei hoje, abo-lindo phrases roncantes e parcialidades amistosas.

Porque todos esses longos e sonoros panegyricos que arrancam lagrimas de emoção e produzem o mesmo effeito que os sermões quaresmaes no espirito das beatas, passaram totalmente da moda.

Tambem me abstive de tratar do homem em si.

Muito havia que dizer. Entendi, porém, que devia aguardar para occasião mais propicia essa justa homenagem á sua grande simplicidade e ao seu grande coração.

Um dia será.

B.ª — Julho — 912.

J. A.

Tanto nos acostumamos a disfarçar-nos para os outros que afinal não nos podemos reconhecer a nós mesmos.

Depois de criar a rosa,  
Pensou Deus que era mister,  
Criar obra mais formosa,  
E fez da rosa a mulher...

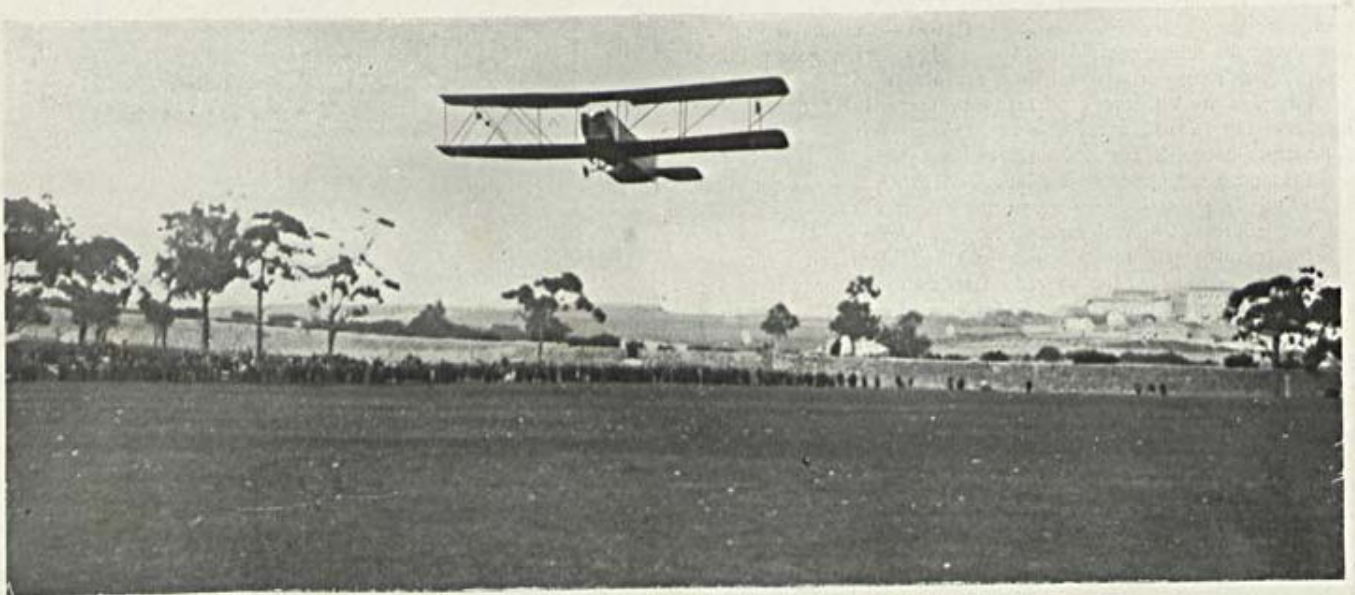
JOÃO DE DEUS.

.... Dando-lhe vida, calor,  
Sorrisos meigos, carinhos,  
Fazendo d'ella o amor,  
Não lhe arrancou os espinhos!...

Agosto — 1910.

CONDE DA ESPERANÇA.

## Aeronautica



O biplano «Republica» evolucionando

# A VIDA ELEGANTE

Em Cintra, Caldas e Estoris

QUANDO os Estoris ainda não desdobravam ao longo da costa, esse alacre tapete de verdejantes pinhaes matisados de habitações polychromas que dão ao littoral n'aquelle ponto o ar *coquette* de estrangeirado acampamento de prazer, quando apenas Cascaes, desde Lisboa, podia orgulhar-se de guardar em setembro e outubro a tradição de refugio elegante e

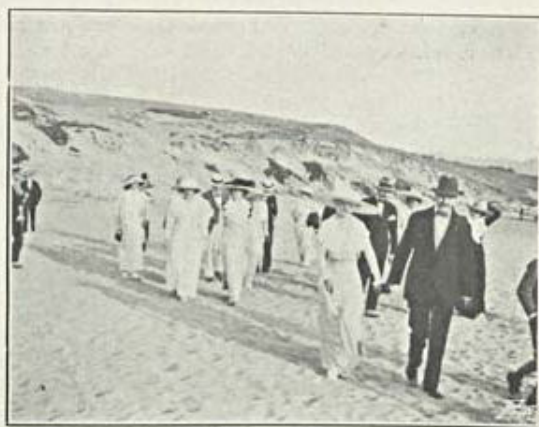
## VIDA ELEGANTE



No Paço de Cintra

movimentado da cõrte e respectivos satellites, já Cintra era a estância formosissima que attrahia veraneantes e *touristes*, — deslumbrando o olhar com a delicada exuberancia da sua vegetação, com o discreto colorido e risonhos aspectos da sua paizagem, era já a estação verdadeiramente elegante, preferida durante os mezes da temporada estival, pelo alto mundo da aristocracia e da finança.

N'esse tempo, um passeio á linda villa, com o desvio obrigatorio d'uma burricada á Pena, ou a Collares — e a carga no regresso de alguns pacotes de queijadas da Sapa e de alguns mólhos de rendilhados fétos arrancados ás braçadas humidas das arvores e aos intersticios das pedras musgosas das fontes, era caso de tamanha ponderação pelo que representava em desequili-



Vida elegante — Um pic-nic na Praia das Mações  
A chegada

brio nos orçamentos caseiros, que, Cintra estava para o appetite de certas familias, como alguns oasis que as caravanas extenuadas avistam ao longe, presentindo-lhe a doce, a reconfortante frescura, mas, sem forças para a alcançar! A poetica estancia

era então, portanto, quasi inacessivel ás classes menos abastadas, resultando o seu ar de aristocratico recato, que a tornava por certo mais attrahente do que hoje, — assaltada a meudo pela multidão dos cirios civis em festa que se espria ruidosa nos mais pittorescos recessos, tudo despoetizando ao som bravio de *fungá-gás* inverosimeis. Então, dizer Cintra, era dizer Sitiaes, onde o mundanismo da época se dava *rendez-vous* tranquillamente ás quatro horas, era dizer o *Victor*, o elegante hotel de Victor Sasseti, em cujo terraço se juntavam para a mais suggestiva e espirituosa palestra, nas horas calmas que succediam ao jantar, grupos de mundanos e de intellectuaes, onde officiam a meudo Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Julio Cezar Machado e outros sacerdotes das letras e da elegancia, que não se desdenhavam de accumular as galas da *toilette* e as louçanias do estylo facetado e brilhante. Era no tempo em que o Barão de Oliveira, que viera de Paris com a influencia das sabbatinas sobre dandysmo devidas ao bom gosto e á experiencia de Jeronymo Condeixa, espantava o burguez, irritado com a prodigalidade de côres das suas gravatas, com o tamanho inaudito dos botões de madreperola do seu *veston* de flanela azul, — e com a fórma insolente do seu chapéu alto de feltro alvadio, em torno do qual se enroscava terminando em duas longas pontas fluctuantes, um véo de seda azul claro!

Hoje, Cintra ainda é um refugio aristocratico e elegante; mas, a sua vida mundana restringe-se, encerra-se nos jardins das lindas quintas de recreio, fechadas definitivamente á curiosidade publica; concentra-se em meia duzia de casas nobres, que são como os marcos indicadores d'um passado brilhante, cuja evocação determina dolorosas recordações...

De longe em longe, a mocidade elegante tem um movimento de revolta, anima-se, surge e resplandece, movimentando alegremente os aspectos de ordinario melancolicos da linda região; e lá se realisa um *pic-nic*, uma *burricada*, revivendo durante horas



Vida elegante — Aspecto do pic-nic na Praia das Mações

a tradição, em termos de provocar ás velhas arvores das estradas, um mysterioso ramalhar que bem parece uma commovida saudação á alegria e á belleza, ressuscitadas momentaneamente!...

São alguns d'esses aspectos esplendidos, que os leitores do *Brasil-Portugal* podem hoje admirar, graças á gentil amabilidade d'um notavel amator de photographia, o sr. Eduardo da Maya Cardoso, diplomata *doublee* de fino artista e homem de sociedade dos mais queridos, pelos primôres da sua educação e do seu espirito. As photographias que inserimos são um encanto; e esmaltando assim as nossas paginas e contemplando as formosuras femininas que algumas fixaram, comprehendemos bem esse ramalhar mysterioso das arvores, que mais parece uma commovida saudação á alegria e á belleza ressuscitadas momentaneamente!...

LUIZ TRIGUEIROS.

Publicamos, tambem, ainda algumas photographias das ultimas feições mundanas das Caldas, e um grupo de senhoras que tomaram parte na linda festa do Mont'Estoril a que já fizemos referencia, promovida pelos srs. Augusto de Santa Rita e D. Luiz de la Cruz Quesada.



**Vida elegante** — No largo do Victor, em Cintra  
Uma burricada momentos antes da partida

## Tentação de um noviço

**H**ONORATO mal dormira em toda a noite, a meditar nas perguntas do confessor: «Será capaz de resistir às coisas do mundo? Terá coragem para sacrificar a natureza inteira ao amor de Jesus Christo?»

Honorato erguera-se ao romper das primeiras luzes.

Sentia a língua amarga, e, no corpo, errava-lhe uma febre subtil que lhe inflamava as veias até às mais finas ramificações.

Logo que o sol rompeu a primeira frecha, desceu a escada, sahindo da aldeia, a caminho do campo.

O frio da manhã applicar-lhe-ia a ardencia do sangue, e depois — pensou sorrindo, exageradamente — interrogaria a Natureza.

Seguindo o conselho do padre jesuita, ia experimentar a sua força em frente das coisas do mundo.

Era só vivendo no meio delle que podia meditar e pesar a sua coragem.

Para conhecer a força do inimigo era preciso vê-lo, encara-lo, defrontar-se.

A' sahida do povoado, tomou por uma quelha pedregosa, a caminho de um monte, em cuja cabeça um pinhal novo erguia uma cabelleira aggressiva, onde o sol nascente assentava um diadema acobreado.

Apressadamente, subia a ladeira, curvado, de mãos nos bolsos e palpebras semifechadas contra o vento, que lhe picava as pupilas com finas agulhas de gelo.

E enquanto as suas botas iam quebrando os caramellos tenros do caminho, a geadá, cahida durante a noite, erguia-se, em chammas invisiveis, a queimar-lhe as faces roxas.

Quando chegou ao cume do outeiro e se installou n'um pedregulho, já o sol dominava a perspectiva.

Honorato olhou-a e ficou deslumbrado.

Pela vertente ingreme que descia até ao sopé do monte, onde corria uma fraca ribeira, a geadá, derretendo-se, serpeava liquida, correndo em jorros de oiro pelos regos do centeio inteiriçado.

E á medida que a geadá aquecia e se apagava nas leiras, as folhitas do centeio despregavam-se da terra branda, alteiando a sua verdura tenra e scintillante.

Em baixo, nos regatos e nos charcos mortos, envidraçados de gelo, o sol cortava os liames do frio com laminas subtis, dardejadas em finissimos raios candentes.

O calor e o frio batiam-se lá por instantes, até a massa con-

gelada ranger n'um momento de libertação, e quando o frio deixava escapar das mãos os ultimos laços, toda a crosta do gelo, já tenue, ondulante, se partia e desgelava, correndo em agua ligeira, contente.

E cada gotta de regato que encontrava uma areia do leito ou um fio de herva, debruçado das margens, era uma lingua sonora de crystal brando, a borbulhar a symphonia das aguas libertadas.

O sol ia subindo, cada hora mais rutilante e quente, attrahindo e chamando as vegetações para os altos.

A Primavera, como virgem cautelosa, fragil e delicada, só muito tarde, lá para os fins do mez visita os cumes das serranias beiróas.

Nestes começos de abril, vinha ainda a meia encosta do monte, annunciada pela flor vermelha de um pecegueiro temporão; mas tam ruborisado e abatido era o aspecto desta planta, que a Primavera parecia ter parado ali, vermelha de cansaço, á espera de quem lhe dêsse a mão para subir. . .

Trepando a encosta, acima do pecegueiro, criam-se os arbus-tos serodios, onde mal surgiam rebentos que abriam e alongavam as folhitas tenras em labios gulosos das doçuras de abril.

E a dominar os valles, já vestidos de flores e ramarias lusentes, erguiam-se, no cume do monte, os esqueletos frios das arvores despidas e lavadas dos ventos invernios.

Nestas arvores, não se abria ainda ramo nem rosa, mas as raizes frias, como serpentes entorpecidas, estremeciam agora, soerguendo a terra, abrindo-lhe fendas, por onde o oiro liquido do sol escorria quente e creador.

Honorato via toda a natureza a latejar, sob a incidencia ardente do sol.

Por toda a parte, as sementes rompiam a terra, e toda a natureza, desde o valle á lomba curva, estremecendo sob o sol, engrossava no crescimento dos renovos, como um ventre fecundo no periodo da gestação.

De quando em quando, surgia, no horisonte, um alarido de pios alegres, solto por um bando retardatario de aves emigrantes, á saudar, no regresso, os sitios amados dos seus antigos ninhos, estouvados e febris, como ranchos de noivos, casados de fresco.

Voavam acima dos campos, circundando o monte, espiando valles, penedos, reconcavos, a descobrir uma arvore mais alta, um silvado mais aggressivo, um arbusto mais fechado, e uma vez escolhidos os logares, abatiam sobre o campo, separando-se, em seguida, para cada par tractar do ninho.

Honorato, deliciosamente perturbado, ouvia, no ambiente, ruidos de amor, soltos em mil linguas, desde o timbre aspero e zan-



**Vida elegante** — No largo do Victor, em Cintra  
D. Leonor Tojal



**Vida elegante** — D. Leonor Tojal, uma das senhoras que tomaram parte na burricada

gado de um velho casal de gaios, aos gritos ternos das andorinhas esthericas.

Assim, emquanto, na terra, iam rompendo, victoriosamente, os fructos, os insectos zumbindo e as aves cantando iam celebrando as alegrias ardentes de mil hymineus.

Lá em baixo, no valle, pelas terras cavadas, onde se ultimava a faina das sementeiras, alvejavam as camisas brancas dos jornalheiros, curvos, afanosos, espalhando no ar, espaçadamente, os lamentos surdos das veigas feridas da enxada.

Na frente delles, apertando a cesta ao quadril, de braço cahido e mão semifechada, viam-se mulheres lançando a semente em cada ventre escuro que a enxada abria e o sol doirava um momento para, em seguida, se fechar no mysterio genésico da terra-mãe.

Lembrando-se da sua esterilidade no meio desta madrugada creadora, o noviço Honorato sentiu crescer-lhe, na alma, uma revolta vaga, inteiramente nova.

«Só aquelle pedregulho negro e duro, onde se sentava, era bem o seu irmão!...»

E pendendo-lhe a cabeça sobre o peito, ficou a scismar na dureza bruta e esteril daquella pedra e nas camisas brancas dos jornalheiros, que lhe lembravam a alva do seu noviciado...

Permaneceu assim horas, pensativo, com o sol quasi vertical, a dardejar-lhe sobre a cabeça.

Das pastagens vinha-lhe o telintar das campainhas e a vibra-



**Vida elegante** — Em Cintra. Jogando o «bridge»: dr. Ruy Ulrich, Botkine, ministro da Russia em Portugal, condessa do Cartaxo, mad.<sup>me</sup> Leghait, esposa do ministro da Belgica.

ção clara das cantigas garganteadas pelas moças que andavam, nas relvas, a cortar leitugas.

Num momento, Honorato voltou a cabeça, como se alguém o chamasse.

Perto d'elle, a dobrar o monte, passava um rebanho de cabras prenhes, de ventres coleados, e, no meio dellas, elevando a sua estatura mascula, um bode gigante.

Caminhavam vagarosamente, roendo as hervas que mal despontavam e descascando, em fitas, com gengivas de aço, os pés dos arbustos novos.

E tanto se abraçavam aos ramos, para os descascar, que batendo contra elles as tetas pendentes e tensas, semejavam perolas finas de leite no engaste das flores de abril.

Quando o rebanho dobrava o monte, Honorato, risonho e maguado, pensou:

«Se o padre jesuita visse isto...»

E continuou a olhar, com ternura, os mimos desta fecundante manhã de abril.

Para que pretender matar a Natureza se ella se reproduzia, a todo o momento, até no musgo do granito?

Lembrou-se, consoladoramente, que Jesus nunca pedira o cheiro suavissimo das coisas mortas, nem jamais exigira que se lhe degolasse, no altar, a Natureza, como se degolava um novilho do Antigo Testamento aos pés de Jehovah.

Do fundo dos valles, nevados de flores quentes, continuava subindo o cantar alegre das raparigas, entrecortado dos trilhos da passarinhada afanosa.

De repente, uma voz de rapariga elevou-se mais fresca e clara

acima das outras, lá ao fundo, numa horta que ficava na margem dalem da ribeira.

Honorato avistou, por entre as arvores marginaes da corrente, uma saia vermelha, a rutilar num pedaço de relva.



**Vida elegante** — Em Cintra. Nos jardins dos srs. Marquezes de Oldoini — Uma partida de «bridge»: conde e condessa do Cartaxo, D. Laura Péters, conde de Seisal e marqueza de Oldoini.

Estremeceu como se uma frecha de sol o varasse!

Aquella rapariga de dezeseis annos, que mal o conhecia e a quem elle nunca falara de amor, era o lindo diabrete dos seus pensamentos, contra a qual esgrimia, á luz da vela, no acto da confissão, a mão fria do jesuita.

Nem ella sabia, a pobresita, o horror de anathemas, os remedios penitenciaes, as locubrações de bibliotheca, toda a bateria espiritual que o confessor opposera ao seu corpo lindo e casto de campezona.

Mas, de balde: os pensamentos voltavam!

Concilios e Santos Padres, Cathecismos e Theologias, Rituaes e Exorcismos, tudo se queimava na chamma clara daquella saia vermelha.

Sentiu que o sol se tornava mais ardente e que a mesma terra, ha pouco gelada, lhe abrasava agora os pés.

Aquella madrugada cingia-o todo num dulcissimo mysterio de religiosidade nova.

E quando, á noite, Honorato, liberto e purificado pela chamma



**Vida elegante** — Em Cintra. Uma partida de «bridge»: condessa do Cartaxo, mad.<sup>me</sup> Leghait, e mr. Botkine.

de Santo sol, voltou para o convento, soube do jesuita que a Primavera era um jardim enganoso, onde a Concupiscencia creava rosas, para adornar a Natureza — a Cortezã...

## PENSAMENTOS

Vangloriamo-nos muitas vezes das mais criminosas paixões; mas a inveja é tão vergonhosa que nunca ousamos vangloriar-nos d'ella.

E' um erro imaginar que só as paixões violentas, como a ambi-

ção e o amor, podem triumphar das outras. A preguiça, languida como é, muitas vezes as domina todas. E' na realidade ella que dirige todas as nossas acções e designios e insensivelmente destroe a um tempo as paixões e as virtudes.

Poucos cobardes conhecem a grandeza dos seus pavores.

Os homens muitas vezes imaginam que dirigem quando são di-



**Vida elegante** — Nas Caldas da Rainha  
*Um aspecto do «garden-party»*



**Vida elegante** — Nas Caldas da Rainha — O «garden-party»  
*Um aspecto do recinto de baile — No 1.º plano José Amado, D. Jorge de Menezes e Augusto Queiroga.*

ção e o amor, podem triumphar das outras. A preguiça, languida como é, muitas vezes as domina todas. E' na realidade ella que di-

rigidos, e quando o nosso espirito deseja uma coisa, o coração insensivelmente gravita para outra.

ROCH FOUCAULD.



**Vida elegante** — No Mont'Estoril

*Grupo que tomou parte nas arias, resas, canções e cantares dos srs. Augusto Santa Ritta e D. Luiz de la Cruz Quesada*



## O conflicto dos Balkans

Nas vespéras de um pavoroso incendio?

**A**PRESENTAM sempre um aspecto gravissimo os conflictos que se levantam na península balkanica, onde geralmente tem sido chamada a Europa a intervir em varias epochas. D'essas successivas intervenções tem resultado para a Turquia a perda de algumas provincias que tem conseguido a sua emancipação. O perigo que apresentam essas luctas —, sempre no fundo sympathicas e justas, visto que são provocadas por um sentimento de emancipação e de liberdade —, provém do receio que ellas possam originar uma grande conflagração europeia, porque são varios os interesses que se digladiam entre as potencias que desejam alli exercer a sua influencia. Quando se concluiu essa campanha turco-russa ainda tão memoravel, pela valentia que n'ella revelaram os combatentes, especialmente no celebre e mortifero combate de Plewna, em que os dois adversarios se bateram e rugiram odios de feras, a Russia impunha á Turquia o tratado de Santo-Estefano, pelo qual a Turquia reconhecia não só a independencia da Bulgaria tal como ella se encontra hoje, mas ainda com outros territorios mais vastos, além da cedencia da Bosnia e Herzegovina á Austria. Mas o Congresso de Berlim atenuou os efeitos violentos d'aquelle tratado e a Turquia lá se resignou com a sua sorte.

Em 1886 as potencias intervem de novo para impedir o levantamento de Cretz e evitar que se produza uma sublevação geral helenica, mas impõem á Turquia reformas cuja falta de cumprimento conduz á guerra greco-turca de 1897. Depois d'esta data a agitação da Península nunca deixou de se notar, especialmente na Macedonia, onde a visinhança da Bulgaria anima as revoltas locais e na Albania, apoiada pela Grecia.

Deu-se o conflicto com a Italia, a Turquia teve de deslocar para o norte d'Africa forças importantissimas para fazer a guerra na Tripolitana e succedeu logo o que era de prever. Os Macedonios, instigados pelos bulgaros e ávidos de emancipação, trataram de atear o incendio balkanico e a Bulgaria sempre prompta para a lucta, incitada talvez por alguma outra potencia e não se sentindo satisfeita com o tratado de Berlim, esteve prompta a ser a alma do movimento.

De fórma que, por uma questão de solidariedade, os Estados balkanicos tra-

## A questão dos Balkans



O sultão da Turquia

taram de se coligar para conseguirem a libertação de outras provincias que a Turquia a muito custo tem conseguido manter aggregadas aos seus dominios na Europa.

Mas como a Turquia estava empenhada na guerra com a Italia, teve de aceitar a paz para se voltar para os seus inimigos coligados e segundo se afirma com algum fundamento, essa paz assignou-se mais promptamente pela intervenção da Alemanha que desejava tambem ver a Italia desembaraçada n'este momento, para o que possa vir a succeder.

As zonas de influencia exercidas pelos varios Estados, tanto na Europa como na Turquia da Asia, a lucta e o choque de interesses de toda a ordem é o que torna muito graves estes conflictos nos Balkans que podem ser o inicio de uma conflagração geral, de ha muito prevista.

Na guerra que se está ferindo n'este momento era de prevêr que todas as vantagens fossem alcançadas pelos coligados nos primeiros combates que se ferissem, pois que concentraram as suas forças com antecedencia e apanharam os turcos envolvidos na guerra com a Italia. Mas não só pela situação da Turquia como pelo numero esmagador dos seus combatentes, a vantagem não poderá deixar de pertencer-lhe na sequencia das operações; salvo se os bulgaros coligados com os servios forem operando com toda a rapidez com uma superioridade numerica e a força moral das primeiras victorias e não dêem sequer tempo a que os turcos concentrem as suas tropas para se lhes opporem na sua marcha audaciosa.

Dos Estados agora coligados é a Bulgaria que apresenta maior importancia militar, tanto pela sua organização, como pelo valor dos combatentes instruidos por officiaes francezes que lá estão contractados.

Por outro lado na Turquia encontram-se officiaes allemães como instructores do exercito.

E por isso vae ser curiosa a lucta entre a escola franceza e allemã, e já se tem notado a offensiva energica que os bulgaros tem tomado para a conquista de Andrinopola, importante posição fortificada coberta por quatorze obras destacadas que a cavalleiro sobre as margens de duas ribeiras constitue um excellent ponto de apoio.

Na guerra actual temos então em presença: *Montenegro*, a verdadeira cidadella da raça servia; nunca os turcos conseguiram dominá-lo nem leval-o á obediencia e ao reconhecimento da sua suserania. E' muito afeiçoado á Russia, se bem que a sua situação economica o ligue á Austria que domina as suas costas e pôde fechar-lhe todas as



A questão dos Balkans — Um destacamento de infantaria turca proclamando a lei marcial em Constantinopla.

sahidas. Os montenegrinos podem mobilisar uns 50.000 homens. A melhor defeza do Montenegro reside na sua população; as



**A questão dos Balkans — O czar da Bulgaria**

proprias mulheres são chamadas aos serviços auxiliares do exercito.

*Servia* — Adversarios terriveis da Austria a quem não perdoam a annexação da Bosnia e Herzegovina, o que lhes fez perder por completo a esperança de virem a reconstituir o seu antigo imperio. Mas por outro lado como é a Austria que lhes permite sahidas faceis para o seu commercio, assim se explica as fluctuações que elles manifestam ora para o lado d'esta ora para o lado da Russia; isto é, hesitantes entre a grandeza futura da patria e os seus interesses immediatos.

Senhora da quasi totalidade da bacia do Morawa, a Servia desempenha um papel importante na peninsula dos Balkans, porque é atravessada pela estrada de Constantinopla e de Salonica e possui condições naturaes maravilhosas para a defensiva. Póde este Estado apresentar para a offensiva uns 200.000 homens.

*Bulgaria* — E' o principal inimigo da Turquia e não perdoa ás potencias a situação que lhe foi conferida pelo tratado de Berlim. Depois de annexar a Romelia Oriental, tratou de combater a influencia russa á qual devia a sua existencia, chegou mesmo a tornar-se-lhe hostil e a constituir uma constante ameaça para a paz europeia. A Bulgaria occupa, realmente, uma situação preponderante na peninsula dos Balkans, é

senhora de todas as estradas dos paizes a sul do Danubio e todos lhe reconhecem e ella propria se prepara para desempenhar um grande papel n'esta região.

O tratado de Berlim impoz-lhe a obrigação de demolir todas as fortalezas, mas ella tratou, pelo contrario, de as augmentar cada vez mais. Póde este Estado levar á offensiva uns 300.000 homens.

*Grecia* — O tratado de Berlim não concedeu á Grecia senão uma parte da Thessalia, recusando-lhe o Epiro e por isso não lhe dispensou os limites que ella desejava. Por outro lado a Grecia reivindica a Macedonia, que é reclamada egualmente pela Bulgaria.

A Grecia póde mobilisar uns 200.000 homens.

Os effectivos dos Estados colligados podem attingir uns 800.000 homens.

A *Turquia* póde mobilisar 1.200.000 homens. Tem encontrado o apoio da Inglaterra, isto é, esta tem sabido aproveitar na Turquia o que mais lhe convem. E' d'esta influencia da Inglaterra que vae sendo batida nos Balkans pela Allemanha, que se receia d'um momento para o outro que a situação se aggaave e a concentração das esquadras inglezas no Mediterraneo mostra que esta não dorme e se prepara para o que possa succeder.

Pelos telegrammas recebidos ácerca dos primeiros combates já se sabe o resultado que era de prever. Resta ver agora o que succederá, logo que a Turquia consiga concentrar as suas tropas. Por aqui se vê já como as vantagens são grandes para o exercito que mobilisou primeiro e concentrou rapidamente as suas forças.

E assim o nosso paiz quizesse ir aprendendo estas coisas para



**A questão dos Balkans — Artilharia bulgara**

se fazer uma ideia do papel da mobilisação, coisa que pouquissima gente sabe ainda em Portugal o que venha a ser.

CAPITÃO CORREIA DOS SANTOS.

Os annos matam e dizem tanto  
Como as inundações e como as pestes...  
A alma de cada velho é um Campo Santo  
Que a velhice cobriu de cruces e ciprestes  
Orvalhados de pranto.

OLAVO BILAC.

## CANTIGA POPULAR

Uma ausencia é p'ra o amor  
o que o vento é para o fogo:  
se é ligeiro, apaga-o logo,  
se é muito, torna-o maior.



**A questão dos Balkans — A infantaria bulgara em manobras**

## LIVROS

## PAGINAS AGRICOLAS

**É** um pequeno livro, nitidamente impresso, em que o seu auctor, o sr. Santos Garcia, distincto engenheiro agronomo, director do Laboratorio Chimico-Agricola d'Evora, concatenou uma serie de artigos por elle publicados em varios jornaes d'aquella cidade, com o fim de tornar conhecidos dos agricultores das suas regiões, praticas agricolas que muito lhes convem saber.

Com effeito a agricultura deixou de se guiar pelas fórmulas ru-

o lavrador de fazer analysar as suas terras, afim de conhecer as adubações que mais lhe convem empregar nos diferentes ramos de cultura.

Trata da apicultura, e ahí encontra o agricultor ensinamentos curiosos e conselhos salutaes sobre o transporte das colmeias, orfandade dos enxames, meios de evitar os inimigos das abelhas ou de remedear o mal que produzem; alimentação artificial, extracção do mel, etc. etc.

Foi este ramo que lhe mereceu mais demorada attenção, mas de muitos outros trata, como da arborisação, cultura do arroz, avicultura, doenças physiologicas das vinhas, gomose nas laranjeiras, forragens, vinhas, etc. etc., e em todos elles o agricultor encontra materia interessante e bastante que aprender.

Se em todos os districtos os seus agronomos seguissem o exemplo do sr. Santos Garcia, dando aos agricultores da sua região en-

## A questão dos Balkans



O rei Pedro da Servia



O rei Nicolau do Montenegro



O rei Jorge da Grecia

dimentares a que a rotina e a tradição a obrigavam; a sciencia apoderou-se d'ella, e á physica, á chimica e á electricidade vae buscar elementos valiosos de auxilio, de modo a conseguir que o agricultor tire da terra, embora pobre ou enfraquecida, e das industrias correlativas, um juro remunerador do seu trabalho e capital empregado.

Mas então, necessario é que elle se habilite com uma serie de conhecimentos, vastos e por vezes complexos, o que á grande maioria impossivel é, pela falta de preparo scientifico para os adquirir.

Indispensavel é pois que, em formulas simples e claras, e em linguagem facil e correntia se lhe indique, por modo facilmente comprehensivel e assimilavel, os meios praticos de alcançar tal desideratum.

E' claro que o sr. Santos Garcia no seu pequeno livro de 158 paginas não tratou, nem podia tratar, de todos os ramos da industria agricola; mas a muito se refere, e em todos elles o agricultor encontra materia interessante.

Aprecia de uma fórmula resumida mas clara, os diferentes caracteres do solo agricola do Alemtejo, mostrando a vantagem para

sinamentos e conselhos praticos em fórmula tão simples e clara, muito teria a lucrar a agricultura em geral.

Os nossos agradecimentos pelo exemplar offerecido.

## Aguas que mudam

por ESPRONCEDA

(Imitação de Fagundes Varella)

Foste, n'aurora, cristalino arroyo  
 Por entre flôres deslizando a medo;  
 Depois torrente de fervente espuma  
 Rompendo os flancos de feral rochedo;  
 Por fim, á noite, lodaçal profundo  
 Cheio de lama e podridão no fundo!



## POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XV

### MENINA PRODIGIO

**A** PESAR do caso a que nos vamos referir já ter feito as delicias cá no continente, não resistimos á tentação de o contar aos nossos leitores que vivem nas terras de Santa Cruz.

E' mais um prodigio luminoso, dos muitos e variados que estão constantemente a cahir de maduros

*n'este cantinho cheio de luz,  
muito branquinho, muito arborizado*

como diz a cantiga popular.

Por muito estravagante que os nossos prezados leitores d'álem mar estejam já a idialisar o caso, não advinham do que se trata.

Dez vezes superior aos discursos dos senadores Nones e Faustino, e vinte vezes mais delicioso do que as fallas cordeaes do sr. Bernardino Machado (que o Barzil conserva em seu seio por muitos e dilatados annos).

Trata-se nem mais nem menos do que d'uma Luiza Michel... com 8 annos d'idade, natural e registada em Evora!...

Havia sessão solemne n'aquella cidade alemtejana e um cidadão orador tinha acabado de deslumbrar o auditorio com o seu verbo inflamado. Foi então que se deu o prodigio!

A menina Nathalia Simões Fonseca, de 8 annos d'idade, filha do cidadão Francisco Arthur da Silva Fonseca, empregado telegrapho-postal (convém registar aqui o nome do papá,—do grande papá!—da pobre innocentinha) levanta-se e... pede a palavra; e o presidente dá a palavra á cidadãzinha que—pobre creança!—recita gramphonicamente o seguinte discurso:

«Meus bons cidadãos e minhas boas cidadãs:

Eu sou muito creança ainda; ainda não tenho a instrucção das cousas bellas, mas, quando ouço os meus queridos paes lerem ou fallarem da republica, a minha curiosidade infantil se desperta e o meu coração tenro palpita, cheio de sympathia, pela magna causa da republica.

Sinto alegria no meu coração, por assistir a esta grandiosa e sympathica festa, que tem o fim de solemnizar a gloriosa data de 5 d'outubro.

Recordo-me bem. Faz hoje precisamente dois annos que se implantou a republica, a qual considero tão joven como eu! Porque apesar da minha pouca idade e estar no principio da minha infancia e juventude, já tenho deveres a cumprir para com a Republica: Minhas boas meninas, e meus bons meninos, peço que escutem o que lhes vou dizer.

Frequanto a escola, fazendo a diligencia por me applicar aos livros e fazer muita luz no meu espirito, para comprehender o que é a republica e para lher dizer qual a razão porque me inspira sympathia e enthusiasmo, e porque devo amá-la e respeitá-la.

A Republica está em identicas circumstancias; apenas tem dois annos de existencia, e já decretou a lei de familia que veiu servir de tanto amparo, a tantos innocentinhos desgraçados, que andavam por esse mundo aos baldões, sem ao menos conhecerem seus paes.

A lei da separação da Igreja do Estajo, que veiu libertar as consciencias, expulsando o jesuitismo em Portugal, esse bando de vampiros, que nos queriam aniquillar e que eram a deshonra da nossa querida Patria.

A lei do recrutamento militar fez-se: para que não haja excepções entre o pobre e o rico, todos teem que servir a Patria; porque todos nós somos eguaes; e ainda pelas armas alcançou a victoria, no combate de Chaves!...

Que mais pôde fazer uma republica em tão pouco tempo?

A republica é bella porque é a liberdade.

Dizem meus bons paes que é ella que nos ha-de abrir o bom caminho, da egualdade e da liberdade, é ella que nos ha-de educar civicamente, e nos preparará para a defeza da nossa querida Patria, que é o ideal do artista; o esforço, o amor. A Patria é a aureola do sacrificio, a palma da victoria!

Unamo-nos todos, para mais tarde se preciso fôr defendê-la-hemos, affrontando os maiores perigos, por mais eminentes elles sejam, defendendo-a cheios de confiança, derrubando o inimigo, vibrando as nossas almas de enthusiasmo, alcançando aos vencidos, a victoria com altivez e heroismo!...

Viva a patria.

Viva o exercito portuguez.

Viva a classe trabalhadora.

Viva a Republica portugueza.»

Não alteramos nem uma unica virgula do original, e parece-nos difficil se não impossivel conseguir melhor!

Uma creança de 8 annos a sentir o coração tenro palpar pela causa magna; a ter deveres a cumprir para com a republica; a fallar da lei de familia; a discutir a lei da separação; a dissertar sobre o recrutamento militar; a apreciar o ideal do artista; e finalmente, como qualquer Bernardino Machado, a pregar a união, com a alma a vibrar—é supinamente estupendo e estupidamente piramidal!...

Mas deixemos a creança. Não bullamos mais n'essa innocente victima da estupidez criminosa dos seus guias. O papá—o cidadão papá!—e o professor ou professora é que merecem as attentões publicas.

O que terá essa gente no cerebro?!...

E orientada por semelhantes creaturas o que virá a ser no futuro essa pequenita que aos oito annos obrigam a fazer discursos politicos!... Uma feminista? Peor. Uma livre-pensadora? Muito peor.

A pobre Nathaliasinha se não houver uma alma caridosa (parente ou amiga) que a detenha na sua carreira politica, vem a ser... uma Affonsa Costa!... Sim, uma Affonsa Costa, em carne, osso e... saias!...

E como se não bastasse para flagello d'este paiz ter uma encarnação d'essas no geneo masculino, na cidade d'Evora está se desenvolvendo uma reprodução... feminina!

Ora valha-nos Santa Quiteria!...

CRISPIM.

## Nas fogueiras

Oh! bailadeiras frescas e louças,  
Quem me déra o sorriso crystallino,  
Que doira os vossos labios de romãs,  
Abrindo sob a luz d'um sol divino!...

As canções perfumadas como rosas,  
As gargalhadas francas que soltaes,  
Raparigas gentis e donairosas,  
Quem m'as déra em troca dos meus ais...

Como vos fica bem essa alegria  
A trinar em gargantas de sereia  
A bailar-vos nos olhos noite e dia!...

De mãos dadas ás mãos dos namorados,  
No tear do amor, que se encandeia,  
Ides tecendo as vestes de noivados...

Coimbra.

D. DOMITILLA DE CARVALHO.

## UMA BURLA

Olha que patifes!—dizia uma mulher do povo, assistindo, pela primeira vez, a uma representação lyrica, e ouvindo executar um côro:—todos a cantarem ao mesmo tempo, que é para isto se acabar mais depressa!

## Sentimentos ao Babá

(Carta aberta offerecida ao eminente escriptor, general Constantino de Brito)

E' com magoa profunda que ora escrevo...  
Cortaram-te o cabelo! Que pecado,  
Babásinho galante, dóce enlevo!

O teu manto de príncipe encantado  
Como um esplendido sonho oriental,  
Foi por impia tesoura profanado!

Oh! merece castigo excepcional  
A lamina cruel, devastadora,  
Instrumento de um vandalismo tal!

Fiz sempre bom conceito da tesoura  
Que em lindas invenções, obra de artistas  
Ha sido prestimosa auxiliadora.

E' escrava dos caprichos fantasistas  
Da moda, essa irmã gemea de Proteu,  
Capaz de extravagancias nunca vistas...

Mas também muitas vezes concorreu  
No ganha pão de simplicies creaturas  
De quem a dura sorte se esqueceu.

E em mansardas pobrissimas, escuras  
Ao morbido clarão de uma luz baça  
Em noutes de insondaveis amarguras,

Remordendo veludos, chitas, cassa  
Ha visto a femininos corações  
Retalhar a tesoura da Desgraça.

Tem cortado mortalhas de illuções  
Com suspiros e lagrimas tecidas  
No tear das supremas afflicções...

Talhou sagos e cotas aguerridas,  
Os mantos das rainhas medievaes  
E o veu das Magdalenas convertidas.

Mas nas mãos de Dalila, mãos fataes  
A' Sansão os cabellos razou, cerce  
E aniquilou-lhe as forças collossaes...

Não admira que igual furór disperse  
A arma, contra ti, proposta a agir.  
Tudo quanto a inclemencia um dia exerce  
Queda sempre propenso a reincidir.

Remiro com piedade a loura trança  
Auréola de um astro peregrino  
Ao romper da manhã de uma Esperança

Pedacitos de ceu, todo azulino  
Rasgados em fitilhas de setim  
Prendem esse enrançado de ouro fino

E, sabes, queridinho, eu penso assim:  
Aquella cabecinha intelligente  
Modelo de gracioso cherubim

Doce culto inspirava ingenuamente  
E depois esse culto queda exposto  
A' triste realidade do presente...

Toda a melancolia de um sol posto  
Resvalando em altar de pura neve  
A Arte exprime agora no teu rosto.

Emquanto a mim, opino que se deve  
Mover á tesourinha iconoclasta  
Uma rija querella... e muito em breve.

E como auctoritaria é, e de má casta,  
Condemna-se á ferrugem implacavel  
Que fere e mina e róe, macúla e gasta.

Perdeste uma riqueza incomparavel  
Pagemsinho da musa da Poesia  
Mas és sempre gentil, sempre adoravel

Pois n'esse olhar brilhante se annuncia  
Que no teu pensamento vão brotar  
Azas brancas de Sonho e Fantasia,

Destinadas a altissimo voar  
Nas esphas gloriosas de almo brilho  
Mas, afinal, não é para extranhar  
Provir de um pae illustre, illustre filho.

5-7-912.

ANGELINA VIDAL.

## THEATRO DA TRINDADE

Os empregarios da actual companhia de opereta



O actor Antonio Gomes

que desempenha o papel de conde de Hitamaro na «Dama Roxa»



O actor Grijó

que desempenha o papel de Snobly na «Dama Roxa»

## THEATROS

## Criticas Theatraes

**Gymnasio.** — *Lição cruel*, de Pinheiro Chagas. Auspiciosa estreia de um galá.  
**Republica.** — *Tournée Mimi Aguglia* — *La figlia di Jorio*, de Gabriel d'Annunzio — *Cena delle Beffe*, de Sem Benelli — Max Linder.

A *Lição cruel*, o ultimo trabalho theatral de Manoel Pinheiro Chagas, esse bello espirito e eminente homem de letras, que foi o auctor da *Morgadinha*, não devia ter resurgido á luz da rampa do mesmo palco, que illuminou as noites de quente entusiasmo, com que ha vinte e tantos annos foi acolhida. Descrevendo um ambiente restricto, em que se movem figuras, que tiveram a sua época, e embora seja uma *charge* politica, cheia de graça e espirito, falha bastante quanto a technica theatral e á verosimilhança de certas situações, não satisfazendo as exigencias actuaes das platéas.

Porém, alguma coisa de bom teve tal resurreição: foi proporcionar a Zulmira Ramos, que, até ha pouco, só era admirada como *divette* de operetta, o ensejo de patentear mais uma faceta do seu talento artistico, sustentando o seu papel com bastante graça e naturalidade e a frescura exigida a uma ingenua; e a estreia de Mario Duarte, rapaz conhecido nos palcos de amadores e que ahí fez, com vantagem, o seu tirocinio, pois se apresenta em scena completamente á vontade, movendo-se e contracenando com naturalidade, como se fóra um actor feito. Rapaz educado, intelligente e sabendo vestir, se, proseguindo, não se embriagar com os louros colhidos, deve ir longe. Agora, é já um galá muito apreciavel.

A encenação de Lucinda Simões continúa a ser impecavel e a grande artista a receber o justo galardão do publico, que todas as noites lhe faz chamadas especiaes.

**Republica.** — Como *intermezzo*, entre a *troupe* do Gran-Guinhol e a vinda de Mimi Aguglia, exhibiu-se no palco do Republica em *carne e osso* o famigerado Max Linder, tão universalmente conhecido por ser o protagonista alacre de tanto *film* estonteante. Entrando na sala todo esfarrapado e um tanto clownescamente, Max Linder, d'ahi a pouco, surge nos na elegancia do seu completo *gris*, de corte irreprehensivel. Max Linder no *Pedicure pour amour*, contracenando com outros artistas, tem occasião de evidenciar a mobilidade do seu jogo physiognomico, e a suggestão eloquente da sua mimica.

Quem, porém, para os espiritos cultos, teve as honras da noite foi a sr.<sup>a</sup> Napierkowska, que reproduziu com perfeição, conservando-lhe toda a pureza de linhas classicas os bailados da Grecia, nomeadamente a parte final da amphora, com todo o sabor hellenico.

Após tres annos de ausencia Mimi Aguglia, a celebre comedianta siciliana, volta a defrontar-se com o publico lisbonense, interpretando na primeira recita a *Figlia di Jorio*, a tragedia de Gabriel d'Annunzio, cuja critica está feita, pois a mesma artista aqui a representou, da primeira vez que esteve entre nós.

Mimi Aguglia, na *Mila de Codra*, como em todas as peças regionaes, é extraordinaria na pormenorisação da personagem, que interpreta, emparceirando ao lado das celebridades consagradas. Desde a sua entrada em scena, vindo fugida das vaias e insultos da multidão, acolhendo-se e enovelando-se no recanto da lareira d'aquelle lar, onde vem lançar o luto, até á renuncia e sacrificio final tudò n'ella é simplesmente assombroso.

A sciencia da pormenorisação Mimi Aguglia junta o estranho fulgor dos seus profundos olhos, que por vezes despedem scintelhas, que evocam a terra de lava da Cecilia, calcinada pelo ardente sol africano. Aquelles olhos teem um extraordinario poder suggestivo

sobre os espectadores, que hypnotisados expandem o seu entusiasmo em effusivos applausos.

Na segunda noite, Mimi Aguglia deu-nos a conhecer *La cena delle beffe*, um primoroso poema de um poeta italiano — Sem Benelli, uma joia litteraria, em que palpita a alma italiana.

O entreocho de tal poema pode resumir-se em duas linhas: Gianetto Malespini, apaixonara-se por Gineira, amante de Neri Chiaramantesi. Este um dos potentados florentinos e seu irmão, abusando da sua força, para castigar a ousadia do joven Gianetto, escarnecem-n'o, zombam d'elle, mettendo-o dentro de um sacco e mergulhando-o, por varias vezes, no rio Arno. Gianetto jura vingar-se e concebe uma *vendetta*, serena e friamente terrivel, com a permissão de Lorenzo de Medicis, Senhor de Florença, que odeia os Chiaramantesi, que abuzam da sua força e audacia. Gianetto, n'uma ceia, a *ceia dos ludibrios*, aposta com Neri, em que este não se atreverá, entregando uma armadura e morrião antigos a passeiar pelas ruas de

Florença. Neri acceita a aposta, executa-a, mas Gianetto fal-o passar por doido; ordena que o prendam e o manietem. Tornado impotente, não só, na sua presença, acaricia-lhe a amante, mas fal-o invectivar pelas suas victimas. Não pára aqui a sua vingança. Como o irmão de Neri tambem amava Gineira, Gianetto consegue introduzil-o no quarto da cortezá, de fórma que Neri, logo que se encontra livre, corre a casa da amante e quando, no leito de Gineira, julga apunhalar Gianetto, mata seu proprio irmão, Gabriello, enlouquecendo, em seguida a mais esta torpeza.

Mimi Aguglia, em *travesti*, interpreta a personagem de Gianetto, a encarnação da vingança com todos os requintes de crueldade fria e implacavel, mantendo desde a scena da aposta, no 1.<sup>o</sup> acto, quando Neri enverga a couraça, até ao tragico desenlace final, a linha do personagem, que personifica. E' um trabalho formidavel, riquissimo de pormenores, não lhe escapando uma unica minucia, que na sua cruaente intensidade domina por completo o espectador.

O actor L. Picasso, encarregado do desempenho do papel de Neri, tem scenas felizes, especialmente aquellas em que simula a loucura. Pena é que este intelligente actor não sacrificue o bigode, pois aquella peliculla que lh'o encobre, torna a sua mascara, já de si um tanto parada, ainda mais inexpressiva. Quem abraça aquella carreira e trabalha ao lado de Mimi Aguglia deve fazer esse pequeno sacrificio.

A tragedia primorosa de Sem Benelli e o desempenho excepcional, que lhe imprime a genial artista, obtiveram exito colossal, constituindo um espectáculo digno a todos os respeitoes d'aquelle palco, pelo qual teem prepassado tantas celebridades mundiciaes.

FERREIRA MENDES.



Max Linder

**Avenida.** — *A Família Polaca*, operetta em 3 actos de Georg Okonkowsky Schonfel e Kraaty, musica de J. Gilbert, arranjo portuguez do dr. Henriques da Silva.  
**Colyseu dos Recreios.**

Abriu as suas portas o **Avenida** com uma interessante operetta dos mesmos auctores da *Casta Suzana*, e que não menos triumpho obteve, intitulada *A Família Polaca*. Abster-nos-hemos de reproduzir o entreocho, porque representaria um prejuizo para os interesses do publico, dadas as situações imprevistas que a atravessam e o intricado do enredo, de um comico irresistivel. Vaticinamos-lhe um exito igual ao da *Casta Suzana*, e isto resume toda a adjectivação elogiosa que nos está acudindo aos bicos da penna e que vamos reservando para melhor oportunidade; e está o publico inteirado do valor da peça. Vamos ao desempenho:

— Vem a talho de foice dizer que a Companhia Luiz Galhardo é uma das mais bem organisadas que temos tido, e, senão, basta enumerar os nomes de Adriana Noronha, Maria Litaly, Maria da Fonseca, Margarida Velloso, Armando de Vasconcellos, director de scena e ensaiador, Carlos Leal, Leopoldo Froes, Carlos Vianna, Caetano Reis, Augusto Peres, Martins dos Santos, fóra outros que nos não ocorrem neste momento.

Na peça em questão devemos dar o primeiro logar a Adriana de Noronha, que na *Marga Hgenwaldt* cantou e disse com acerto,

sendo o seu trabalho compensado pelo publico com somma grande de applausos. A Maria Litaly, que pena foi estivesse indisposta por um subito abaixamento de voz, cabe, no entanto, o segundo logar na parte feminina. Dos homens é de justiça especialisar o trabalho de Armando de Vasconcellos como actor e ensaiador; toda a peça excelentemente marcada com um gosto e um tacto não vulgares, tendo sido para muitos uma verdadeira revelação as aptidões excepçoes d'este artista como encenador. A seguir temos... — aqui começa a difficuldade: — os outros são Carlos Leal, Froes e Caetano Reis; mas como especialisar, se todos foram correctissimos nos seus trabalhos, sabendo-se que a sua reputação artistica está feita, se não houve um exagero, uma falsa comprehensão do papel? Pois assim foi. Carlos Leal e Froes ouviram fartos applausos no duetto do 2.º acto e

## Noticias e Réclamos — Animatographos

**Rua dos Condes** — Continua em pleno exito a revista em 2 actos e 8 quadros «*Sempre Fresquinho*», sendo tambem muito aplaudida a interessante cançonetista *La Bella Dalia*, cujo repertorio é variadissimo.

**Phantastico** — Duas sessões por noite; mulheres encantadoras; bons artistas, e uma peça cheia de verve, tudo isto a preços baratissimos, que mais querem?

E o caso é que a revista «*Hoje anda a Roda*», promette ainda demorar-se no cartaz, pois que as enchentes vão succedendo.



# Hermanas Granito de Oro

nos seus bailes internacionaes



*Estas artistas deram quatro espectaculos no theatro da Republica, fazendo parte da companhia Max Linder, e brevemente reapparecem no Salão Foz.*



Caetano Reis foi um severo Conde de Lopinski, cheio de verdade. Por fim, temos ainda Martins dos Santos, que fez uma rabula interessante, Duarte Silva e Carlos Vianna.

O scenario bom, de Viegas e Eduardo Reis Junior, e a direcção musical do maestro Cruz com firmeza.

— Vae em pleno successo a Companhia que está trabalhando no **Colyseu dos Recreios** e de que fazem parte as actualidades de maior exito no genero, preparando-nos ainda o activo empresario d'aquella casa de espectaculos um numero grande de novidades, que irá apresentando em estreias successivas, por fórma a variar sempre os seus espectaculos, a fim de não cançar o publico. Lá temos em pleno successo a artista equestre *Zora Truzzi*, a *Troupe Chinezã*, o *Walter*, inteiramente identificado com o nosso publico, *Cabou*, *Otto Viola*, e brevemente o dirigivel *Jupiter*, de que nos dizem maravilhas.

Ruy.

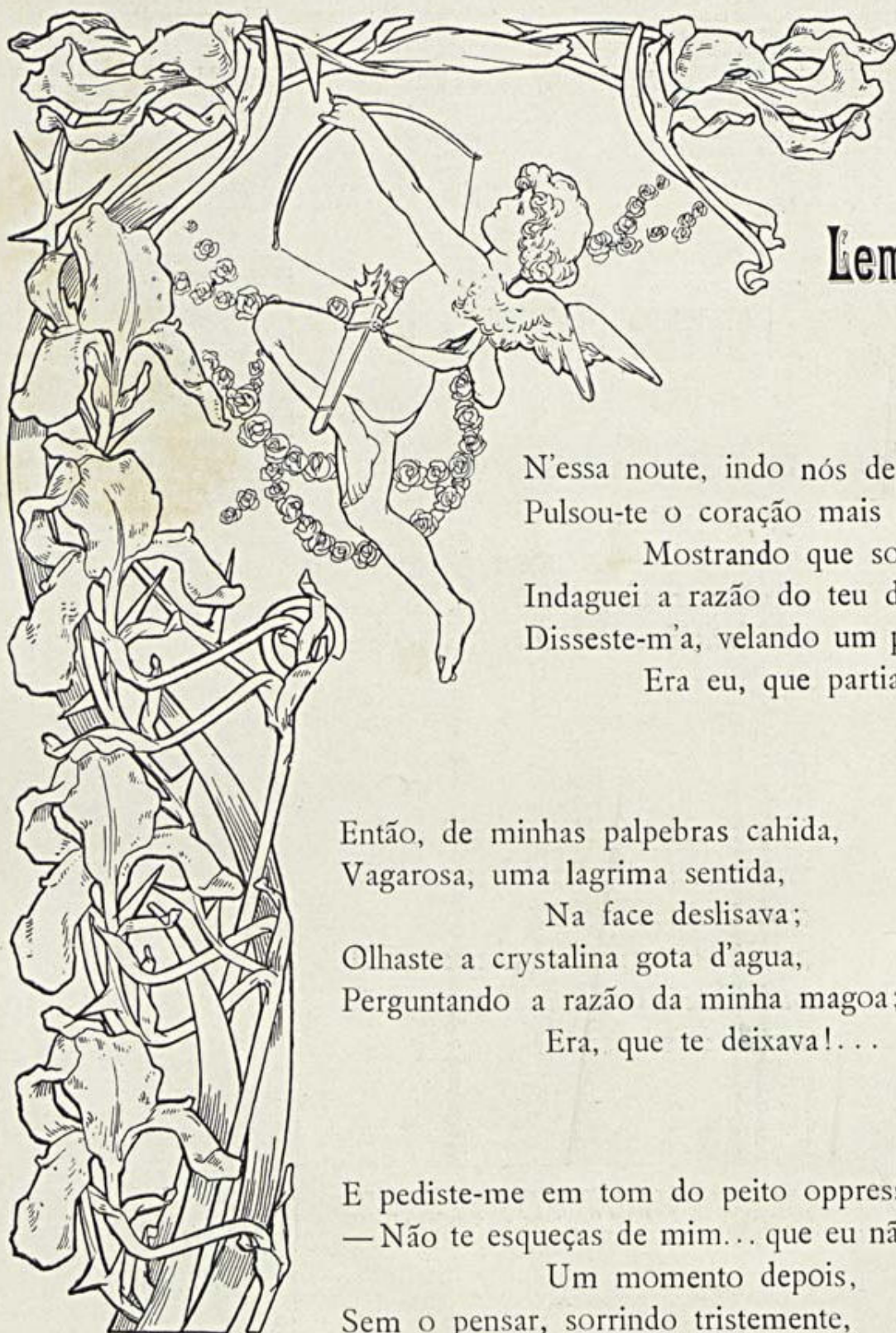
**Chiado Terrasse** — Exito extraordinario com as fitas *Angustiosa sugestão*, *O Acusado* e *Prisioneiro da Marqueza* — Primoroso concerto pelo sexteto.

**Olympia** — *O tumulto do Vivo*, 1000<sup>m</sup>, fita emocionante, tem chamado áquelle elegante salão meia Lisboa. Para breve annunciam-se novas fitas que hão-de produzir sensação no nosso meio.

**Salão da Trindade** — A película de 900<sup>m</sup> «*Roleta*», é um drama palpitante de interesse que tem feito as delicias dos frequentadores d'esta casa de espectaculos. A empresa adquiriu agora o **Salão Avenida** para n'elle exhibir fitas scientificas.

**Chantecler** — Fitas faladas, extraordinario successo, continuando com exito: *Mamellé*, *o heroe da Italia*, *Tótó* e *o contador e Claudio*, o *carteiro*.

**Salão Foz** — *La Bella Montalvito*, está ainda em pleno successo, sendo calorosos os applausos que o publico lhe dispensa todas as noites.



## Lembras-te!...

N'essa noute, indo nós de braço dado,  
Pulsou-te o coração mais apressado,  
Mostrando que soffria;...  
Indaguei a razão do teu desgosto,  
Disseste-m'a, velando um pouco o rosto...  
Era eu, que partia!...

Então, de minhas palpebras cahida,  
Vagarosa, uma lagrima sentida,  
Na face deslisava;  
Olhaste a crystalina gota d'agua,  
Perguntando a razão da minha magoa;...  
Era, que te deixava!...

E pediste-me em tom do peito oppresso:  
— Não te esqueças de mim... que eu não te esqueço...—  
Um momento depois,  
Sem o pensar, sorrindo tristemente,  
Cruzámos nosso olhar furtivamente;...  
Choravamos os dois!...